



Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas

ISSN: 1981-8122

ISSN: 2178-2547

MCTI/Museu Paraense Emílio Goeldi

Alves, Flávia de Castro
Relações de objeto em Canela
Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, vol. 16, núm. 1, e20200011, 2021
MCTI/Museu Paraense Emílio Goeldi

DOI: <https://doi.org/10.7440/res64.2018.03>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=394069991006>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org

redalyc.org

Sistema de Informação Científica Redalyc
Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal
Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

Relações de objeto em Canela

Object relations in Canela

Flávia de Castro Alves 

Universidade de Brasília. Brasília, Distrito Federal, Brasil

Resumo: O Canela é a língua falada pelos povos Canela Apãniekrá e Canela Ramkokamekrá (cerca de três mil indivíduos) que habitam duas terras indígenas (Área Indígena Porquinhos e Área Indígena Kanela, respectivamente), localizadas no estado do Maranhão. Neste artigo, distingo inicialmente os sintagmas posposicionais que são (semanticamente) argumentos e os que são adjuntos em Canela (família Jê, tronco Macro-Jê). A seguir, identifico os argumentos definidos como o paciente (P), o tema (T) e o recipiente (R), e apresento suas respectivas propriedades gramaticais (codificação, comportamento e controle). A conclusão é de que P e T são o objeto direto, enquanto R (de verbos como 'dar', 'contar' e 'mostrar'), lexicalmente especificado, é o objeto indireto.

Palavras-chave: Relações gramaticais. Objeto direto. Objeto indireto.

Abstract: Canela is spoken by about 3,000 individuals belonging to the Canela Apãniekrá and Canela Ramkokamekrá peoples, who live in two indigenous lands (Área Indígena Porquinhos e Área Indígena Kanela, respectively) located in the state of Maranhão (Brazil). In this paper, I first distinguish the postpositional phrases that are (semantically) arguments and those that are adjuncts in Canela (Jê family, Macro-Jê stock). Next, I identify the arguments defined as the Patient (P), the Theme (T) and the Recipient (R) and display their respective grammatical properties (coding, behavior and control). The conclusion is that P and T are the direct object, while R (of verbs like 'give', 'tell' and 'show'), when lexically specified, is the only indirect object.

Keywords: Grammatical relations. Direct object. Indirect object.

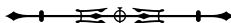
Castro Alves, F. (2021). Relações de objeto em Canela. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 16(1), e20200011. doi: 10.1590/2178-2547-BGOELDI-2020-0011

Autora para correspondência: Flávia de Castro Alves. Universidade de Brasília. Sobreloja do ICC Sul- ICC Sul, B1-71/64. Brasília, DF, Brasil. CEP 70910-900 (flaviacastro@unb.br).

Recebido em 27/01/2020

Aprovado em 07/07/2020

Responsabilidade editorial: Hein van der Voort



INTRODUÇÃO

O termo ‘relações gramaticais’ tem sido usado para se referir às relações entre uma oração ou um predicado e seus argumentos – como ‘sujeito’, ‘objeto direto’ e ‘objeto indireto’. Essas categorias parecem estar entre os conceitos mais básicos de muitos modelos de gramática e são consideradas, de forma explícita ou implícita, como universais. Além disso, pertencem aos conceitos fundamentais nas descrições da maioria das línguas (Witzlack-Makarevich & Bickel, 2013, p. 124).

Tradicionalmente, os critérios morfossintáticos de codificação, como a marcação de caso, a concordância verbal e a ordem dos constituintes, desempenharam um papel fundamental na identificação das relações gramaticais individuais. No entanto, na década de 1970 – uma vez que ficou claro que, em muitas línguas, tais critérios não identificam as relações gramaticais da mesma forma que nas línguas europeias conhecidas –, o inventário de testes de relação gramatical foi estendido para além dos critérios morfossintáticos de codificação. Nesse sentido, o inventário começou a incluir uma variedade de critérios sintáticos baseados em fenômenos como apagamento de mesmo sintagma nominal, alçamento, passivização, comportamento dos reflexivos etc. (ver Li, 1976; Plank, 1979).

Este artigo apresenta a seguinte organização: a seção “Abordagem para as relações de objeto” inclui as subseções (i) “Argumentos *versus* adjuntos”, (ii) “Conceitos comparativos S, A, P, T, R” e (iii) “Padrões de alinhamento associados a objetos”. A seção seguinte, “Propriedades do objeto em Canela”, inclui as subseções (i) “Propriedades de codificação associadas aos argumentos P, T e R”, em que são descritas a marcação do caso, a indexação verbal e a ordem de constituintes, e (ii) “Propriedades de comportamento e controle associadas aos argumentos P, T e R”, que descreve as estratégias de relativização e o controle e apagamento na oração subordinada. E, por fim, as “Considerações finais”.

ABORDAGEM PARA AS RELAÇÕES DE OBJETO

ARGUMENTOS *VERSUS* ADJUNTOS

Witzlack-Makarevich e Bickel (2013) consideram que uma expressão dependente é um argumento de um predicado se seu papel na situação é atribuído por esse predicado; esse não seria o caso dos adjuntos. Desde essa perspectiva, a distinção argumento/adjunto é exclusivamente semântica e independente da forma como são expressos. Embora a intuição básica por trás da distinção argumento/adjunto seja relativamente clara, dificuldades vão surgir assim que se tente distinguir os dois em casos individuais. Em resposta a isso, uma série de testes foi sugerida na literatura para facilitar a decisão.

Um teste comum são as construções com provérbios¹, como “fez assim, fez isso ou fez a mesma coisa” (Witzlack-Makarevich & Bickel, 2013, p. 126). Uma oração com um adjunto pode ser parafraseada de tal forma que um adjunto é expresso em uma oração diferente com um provérbio, substituindo o verbo junto com seus argumentos, mas excluindo qualquer adjunto:

Maria trabalhou e fez isso em casa. [em casa = adjunto]

*Maria apontou e fez isso para o lago. [para o lago = argumento]

¹ Proformas são palavras que substituem uma unidade maior. Pronomes e provérbios são subtipos de proformas, onde o primeiro substitui um sintagma nominal e o segundo, um sintagma verbal.

Na mesma linha, ‘fez o mesmo’ pode ser usado anaforicamente para pelo menos um verbo e seus argumentos, como nos exemplos a seguir (Culicover & Jackendoff, 2005):

Maria leu o livro no trem, enquanto João fez o mesmo no ônibus.

[fez o mesmo = leu o livro; no trem = adjunto]

*Maria pôs o livro no sofá, enquanto João fez o mesmo na mesa.

[fez o mesmo = pôs o livro; no sofá = argumento]

Em Canela, a expressão **to=hajÿr**² (fazer=ser.assim) é usada anaforicamente para um verbo e seu(s) argumento(s). Seguindo a abordagem de Witzlack-Makarevich e Bickel (2013), alguns testes com esse provérbio foram usados para descobrir se os sintagmas posposicionais, encontrados em construções com verbos intransitivos, transitivos e ditransitivos, funcionam como argumentos ou adjuntos.

O exemplo (1a) mostra o verbo transitivo **curan** ‘matar’. Em (1b) a expressão **to=hajÿr** substitui **rop curan** (isto é, o verbo e seu argumento), excluindo os adjuntos. O que mostra que os sintagmas **pur kãm** e **kôtà to** configuram-se como adjuntos, ao invés de argumentos, é o fato de outros sintagmas (LOCATIVO e INSTRUMENTAL, respectivamente) serem expressos na oração com o provérbio (1b):

(1a) **humre te pur kãm kôtà to ropti curan**³

homem ERG roça LOC borduna INST onça matar

‘O homem matou a onça com a borduna na roça.’

(1b) **humre te pur kãm kôtà to ropti curan**

homem ERG roça LOC borduna INST onça matar

mã cahãj te cupê j-õ krĩ kãm catôc to Ø=to=hajÿr

DS mulher ERG estranho PR-GEN aldeia LOC espingarda INST 3=fazer=ser.assim

‘O homem matou a onça com a borduna na roça e a mulher fez o mesmo com a espingarda na cidade (lit.: aldeia do branco).’ [to=hajÿr = ‘matou a onça’; ‘na aldeia’ = adjunto; ‘com a espingarda’ = adjunto]

O mesmo teste foi aplicado a verbos ditransitivos como **gõ / òr** ‘dar’ (2a-2d), cujo destinatário é semanticamente referenciado.

(2a) **humre te cahãj mã tep j-õr pur kãm**

homem ERG mulher DAT peixe PR-dar roça LOC

‘O homem deu peixe para a mulher na roça.’

² Os exemplos são transcritos segundo a proposta ortográfica utilizada pelos povos Canela. Os grafemas estão de acordo com os símbolos do Alfabeto Fonético Internacional (IPA), exceto para as seguintes correspondências: **k** [kʰ], **c/qu** [k], **g** [g], **x** [tʃ], **h** em final de sílaba [ʔ], **ã** [ã], **ÿ** [ə], **à** [ɜ], **y** [i], **ê** [e], **e** [ɛ], **ô** [o], **o** [ɔ].

³ A distinção entre formas verbais finitas e não finitas é robusta nas línguas Jê setentrionais: quase todos os verbos transitivos e intransitivos têm duas formas distintas, facilmente distinguíveis uma da outra (Gildea & Castro Alves, 2020, p. 63). Por exemplo: **hajÿr** (finita) / **hanea** (não finita) ‘ser.assim’ e **cura** (finita) / **curan** (não finita) ‘matar’. No entanto, por não ser o foco deste artigo, não farei menção a essa propriedade aqui.

A expressão *to=hajŷr* substitui *cahāj mǎ tep j-ōr* (isto é, o verbo e seus argumentos) em (2b) e (2c). Em (2c), o provérbio exclui ainda os adjuntos.

(2b) *humre te cahāj mǎ tep j-ōr mǎ kàhti te Ø=to=hajŷr*
 homem ERG mulher DAT peixe PR-dar DS velho ERG 3=fazer=ser.assim
 'O homem deu peixe para a mulher e o velho fez o mesmo.' [*to=hajŷr* = 'deu peixe para a mulher']

(2c) *humre te cahāj mǎ tep j-ōr pur kām*
 homem ERG mulher DAT peixe PR-dar roça LOC

mǎ kàhti te Ø=to=hajŷr nabar kām
 DS velho ERG 3=fazer=ser.assim Barra LOC

'O homem deu peixe para a mulher na roça e o velho fez o mesmo na Barra (do Corda).' [*to=hajŷr* = 'deu peixe para a mulher']

Em (2d), a impossibilidade de substituir *cahāj mǎ* na oração com o provérbio reforça a análise de que este sintagma se trata de um argumento do verbo:

(2d)* *humre te cahāj mǎ tep j-ōr*
 homem ERG mulher DAT peixe PR-dar

mǎ kàhti te ahkrajre mǎ Ø=to=hajŷr
 DS velho ERG criança DAT 3=fazer=ser.assim

'O homem deu peixe para a mulher e o velho fez o mesmo para a criança.' [*to=hajŷr* = 'deu peixe']

Adicionalmente, os mesmos testes foram aplicados a verbos intransitivos como *mō* 'ir/vir' (3a-3c) e *tě* ('ir/vir') com um sintagma posposicional. Tal sintagma ocorre abaixo marcado pelas posposições *pīn* (3a), *wỳr* (3b) e *kām* (3c), respectivamente INESSIVO, DIRECIONAL e LOCATIVO.

(3a)* *cahāj pur pīn mō mǎ humre krĩ pīn Ø=to=hajŷr*
 mulher roça INES ir/vir DS homem aldeia INES 3=fazer=ser.assim
 'A mulher veio da roça e o homem fez o mesmo da aldeia.' [*to=hajŷr* = 'veio']

(3b)* *cahāj pur wỳr mō mǎ humre krĩ wỳr Ø=to=hajŷr*
 mulher roça DIR ir/vir DS homem aldeia DIR 3=fazer=ser.assim
 'A mulher foi para a roça e o homem fez o mesmo para a aldeia.' [*to=hajŷr* = 'foi']

(3c) *cahāj pur kām i-picahur mǎ humre krĩ kām Ø=to=hajŷr*
 mulher roça LOC 3=correr DS homem aldeia LOC 3=fazer=ser.assim
 'A mulher correu na roça e o homem fez o mesmo na aldeia.' [*to=hajŷr* = 'correu']

Em (3a-3b), a expressão **to=hajyr** é usada anaforicamente para **mõ** (isto é, apenas o verbo). A agramaticalidade desses exemplos mostra que **pur pîn** e **pur wÿr** são semanticamente argumentos, não adjuntos. Finalmente, a gramaticalidade do exemplo (3c) mostra que **pur kãm** é um adjunto, não um argumento⁴.

Pelo padrão simétrico da agramaticalidade em (2c) e (3a-3b), consideramos que **cahãj mã** (2b e 2d), **pur pîn** (3a) e **pur wÿr** (3b) são argumentos, semanticamente requerido pelo verbo em (2b) e semanticamente requeridos pelas construções – no sentido de Goldberg (1995, 2006) – em (3a-3b), mesmo que sejam formalmente marcados como oblíquos. Em contraste, pelo padrão simétrico de gramaticalidade em (1b) e (3c), consideramos que **kõtà to** (1a-1b) e **pur kãm** (3c) são adjuntos.

As próximas seções identificam de maneira sucinta os “Conceitos comparativos S, A, P, T, R” e os “Padrões de alinhamento associados a objetos”.

CONCEITOS COMPARATIVOS S, A, P, T, R

Para identificar os conceitos comparativos associados aos argumentos das orações monotransitivas e ditransitivas em Canela, usarei a proposta apresentada em Dryer (2007)⁵. Segundo essa abordagem, os rótulos S, A, P, T e R são identificados primeiro pela valência numérica: o único argumento de um verbo intransitivo (S)⁶; os dois argumentos de predicados de dois argumentos (A e P); e os três argumentos de predicados de três argumentos (A, T, R).

Em relação aos predicados de dois e três argumentos, as propriedades de vinculação semântica definem a atribuição dos papéis. Por exemplo, A é o argumento mais parecido com o agente e P é o argumento mais parecido com o paciente em uma oração transitiva. O rótulo R é usado para o argumento recipiente e T para o argumento tema (algo que sofre uma mudança no local ou ao qual um local é atribuído) em uma oração ditransitiva.

Este sistema se encaixa com o propósito deste artigo (que analisa as propriedades do objeto em Canela), uma vez que permite distinguir entre o argumento P de um predicado de dois argumentos e os argumentos T e R de um predicado de três argumentos:

verbo intransitivo		S		
verbo transitivo		A		P
verbo ditransitivo	A		T	R

PADRÕES DE ALINHAMENTO ASSOCIADOS A OBJETOS

Dryer (2007), Malchukov (2013) e Haspelmath (2015) identificam três tipos principais de alinhamento associados a objetos:

- o alinhamento indireto (onde R é tratado diferentemente de P e de T: $T = P \neq R$);
- o alinhamento secundário (onde T é tratado diferentemente de P e de R: $T \neq P = R$); e

⁴ Os testes aplicados aos verbos intransitivos são apresentados aqui apenas por motivo de contraste. O estatuto gramatical do sintagma posposicional que ocorre em (3) é tema de outro artigo, em preparação.

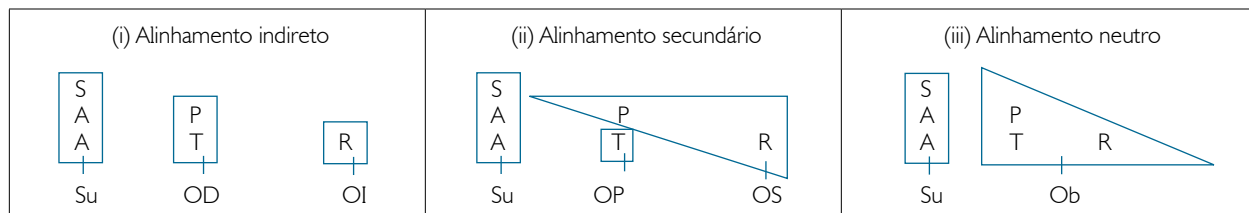
⁵ De acordo com Haspelmath (2011, p. 235), desde a década de 1970, linguistas comparativistas costumam usar as noções S, A, P (ou O), T e R (ou G) para comparar a codificação e o comportamento de argumentos em diferentes línguas. Adicionalmente, linguistas descritivistas às vezes adotam essas noções ou termos para descrever argumentos verbais em línguas individuais.

⁶ S não é uma categoria unificada em Canela. Segundo Castro Alves (2018, p. 382), a “. . . subclasse ativa de verbos intransitivos (ou INTRANSITIVOS) tem S_A paralelo a A: um argumento externo, não marcado, expresso por nominais ou pronominais independentes”. Já a “. . . subclasse não ativa de verbos intransitivos (ou DESCRITIVOS) tem S_P paralelo a P: um argumento interno do sintagma verbal. Se o argumento é pronominal, o verbo leva o clítico pessoal que identifica P ou S_P” (Castro Alves, 2018, p. 383).

- o alinhamento neutro (frequentemente chamado de construção de duplo objeto, em que P, R e T são codificados da mesma forma).

Esses três tratamentos possíveis relacionados a objetos estão representados no Quadro 1 (onde Su significa 'sujeito', Ob significa 'objeto', OD significa 'objeto direto', OI significa 'objeto indireto', OP significa 'objeto primário' e OS significa 'objeto secundário'):

Quadro 1. Principais tipos de alinhamento associados a objetos.



As propriedades de codificação, controle e comportamento dos argumentos P, T e R em Canela são apresentadas na seção a seguir. O objetivo é mostrar, a partir da tipologia de alinhamento do objeto ora mencionada, qual o padrão de alinhamento associado ao objeto em Canela.

PROPRIEDADES DO OBJETO EM CANELA

PROPRIEDADES DE CODIFICAÇÃO ASSOCIADAS AOS ARGUMENTOS P, T E R

As construções oracionais principais em Canela diferenciam três tipos de alinhamento em relação ao tratamento dado aos argumentos centrais A, S e P (Castro Alves, 2004): a intransitividade cindida ($A=S_A$; $P=S_p$), que se configura como o padrão geral; o ergativo(-absolutivo) ($S=P \neq A$), condicionado pela expressão do passado recente; e o nominativo-absolutivo ($P \neq A$; $S=A$ & $S=P$), condicionado pela presença de auxiliares.

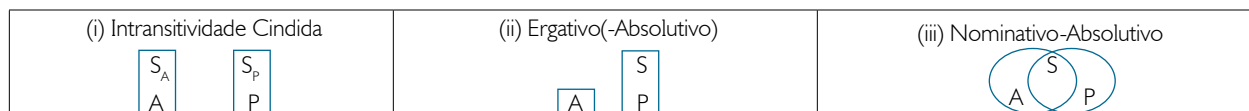
A intransitividade cindida tem $A=S_A$ como argumentos externos, não marcados, expressos por nomes livres ou pronomes independentes (cf. Quadro 2 e a seção "Indexação verbal"). $P=S_p$ são expressos ou por clíticos no verbo ou por nomes livres dentro do sintagma verbal. Nessas construções, o verbo ocorre em sua forma finita.

O sistema ergativo tem A (expresso por nominais livres ou clíticos pronominais) marcado explicitamente pela posposição ergativa *te*. $S=P$ são codificados ou por clíticos no verbo ou por nomes livres dentro do sintagma verbal. Nesse tipo de alinhamento, o verbo está na sua forma não finita.

No nominativo-absolutivo, S é alinhado tanto com A como com P. Isto é, S é expresso paralelamente a A (externo, não marcado; o nominativo) e, simultaneamente, paralelo a P (interno, como um clítico no verbo; o absolutivo). Em construções que apresentam esse tipo de alinhamento, o verbo ocorre em sua forma não finita.

Os três tipos de alinhamento descritos brevemente estão representados no Quadro 2.

Quadro 2. Tipos de alinhamento em Canela



No entanto, é preciso dizer que, muito embora as propriedades de codificação dos argumentos A e S variem dependendo do sistema de alinhamento (Ergativo-Absolutivo condicionado pelo passado recente; Nominativo-Absolutivo condicionado pela presença de auxiliares), este não é o caso para P, T e R, que apresentam sempre o mesmo padrão de alinhamento.

Os exemplos (4a-4b) empregam a intransitividade cindida (padrão geral). Já (4c-4d), por expressarem tempo passado recente, empregam o sistema Ergativo(-Absolutivo). Por último, (4e-4f), pela ocorrência de auxiliares pós-verbais, empregam o Nominativo-Absolutivo:

A [R] T V
(4a) *humre apu cu=mã cahãj j-arẽ*
homem PRG 3=DAT mulher PR-contar Intransitividade Cindida
'O homem está contando sobre a mulher para ela/e.'

A [R] T=V
(4b) *humre apu cahãj mã h=arẽ*
homem PRG mulher DAT 3=contar Intransitividade Cindida
'O homem está contando sobre ela/e para a mulher.'

A [R] T V
(4c) *humre te cu=mã cahãj j-arẽn*
homem ERG 3=DAT mulher PR-contar Ergativo(-Absolutivo)
'O homem contou sobre a mulher para ela/e.'

A [R] T=V
(4d) *humre te cahãj mã h=arẽn*
homem ERG mulher DAT 3=contar Ergativo(-Absolutivo)
'O homem contou sobre ela/e para a mulher.'

[R] T
(4e) *humre apu cu=mã cahãj j-arẽn nare*
homem PRG 3=DAT mulher PR-contar NEG Nominativo-Absolutivo
'O homem não está contando sobre a mulher para ela/e.'

[R] T=V
(4f) *humre apu cahãj mã h=arẽn nare*
homem PRG mulher DAT 3=contar NEG Nominativo-Absolutivo
'O homem não está contando sobre ela/e para a mulher.'

O nominal *cahãj*, que codifica o argumento T, é expresso da mesma forma em (4a), (4c) e (4e), independente do padrão de tratamento dado ao argumento central A. Já o pronominal de 3ª pessoa *h=*, que também codifica o

argumento T, é expresso exatamente da mesma forma em (4b), (4d) e (4f). O mesmo pode ser observado para a expressão do argumento R *cu=mã* em (4a), (4c) e (4e), assim como a expressão do argumento R *cahãj mã* em (4b), (4d) e (4f).

Por esse motivo, a relação sistema de alinhamento (Intransitividade Cindida, Ergativo-(Absolutivo), Nominativo-Absolutivo) e o padrão de comportamento dos objetos não precisarão ser estabelecidos para P, T e R, uma vez que não há variação.

INDEXAÇÃO VERBAL

O Quadro 3 apresenta:

... o conjunto das formas pronominais em Canela: uma série de pronomes independentes e uma de clíticos pronominais. A série de pronomes independentes codifica o argumento nominativo de uma oração, enquanto a série de clíticos pronominais codifica o absolutivo, o objeto da posposição e o possuidor (diretamente em nomes inalienáveis ou por meio da posposição genitiva em nomes alienáveis) (Castro Alves, 2018, p. 382).

Quadro 3. Formas pronominais em Canela. Fonte: modificado de Castro Alves (2018, p. 382).

	Pronomes independentes	Clíticos pessoais
1	<i>wa</i>	<i>i=</i>
1+2	<i>pa</i>	<i>pa(h)=</i>
2	<i>ca</i>	<i>a=</i>
3	<i>quê/Ø</i>	<i>i(h)=/h=/Ø=/cu=</i>

Com base nos índices argumentais⁷ expressos no verbo, o Canela tem P paralelo a T: um clítico pessoal (absolutivo) identifica P (5a) ou T (5b).

(5a) *a=te cahãj pupun ne a=te ih=pỳn*
 2=ERG mulher ver CNJ 2=ERG 3=abraçar
 'Você viu a mulher e a abraçou.'

(5b) *i=cator mã cu=te cu=mã h=arẽn*
 3=chegar DS 3=ERG 3-DAT 3=contar
 'Ele chegou e o outro contou (a história) para ele.'

De maneira oposta, R nunca é expresso por clíticos pessoais no verbo (6a-6b):

⁷ Índices argumentais (ou índices pessoais, ou simplesmente índices) descrevem as formas pessoais vinculadas em termos do conceito de 'pronome' ou de 'concordância' (Haspelmath, 2013, p. 213). Segundo esse autor, os índices argumentais nos verbos são frequentemente chamados de índices de sujeito e de objeto. Enquanto os índices argumentais nos nomes são chamados de índices possessivos, os índices nas adposições são chamados de índices adposicionais (Haspelmath, 2013, pp. 213-214).

⁸ Limitei-me aos verbos ditransitivos em que é possível distinguir argumentos posposicionais de adjuntos com razoável certeza.

- (6a) *quê_i ha i=ncryc ne Ø_i me cunea mã h=arẽ*
 3 IRLS 3=ser.bravo CNJ (3) PL tudo DAT 3=contar
 'Ela/e vai se zangar e contar isso para todo mundo.'

- (6b) *ca_i ha cahãj pupun ne Ø_i cu≡mã ropti j-akre*
 2 IRLS mulher ver CNJ (2) 3≡DAT onça PR-mostra
 'Você vai ver a mulher e mostrar a onça para ela.'

Uma vez que P e T podem ser indexados no verbo por meio do clítico absolutivo (enquanto R não), conclui-se que R é isolado em contraste com P + T.

O Quadro 4 sistematiza as propriedades de indexação verbal dos argumentos P, T e R no Canela.

Quadro 4. Índices argumentais no verbo em Canela.

Argumento	Indexação verbal
P/T	Clíticos
R	Ø

MARCAÇÃO DE CASO

P e T podem ser expressos por nominais livres não marcados dentro do sintagma verbal (7a-7b), enquanto R é marcado pela posposição dativa *mã* – (6b) e (7b):

- (7a) A P V
 cahãj ***te*** ***tep*** ***krě̃n***
 mulher ERG peixe comer
 ‘A mulher comeu peixe.’

- (7b) *humre te cahāj mǎ tep j-õr*
 homem ERG mulher DAT peixe PR-dar
 'O homem deu peixe para a mulher.'

Assim, em termos da marcação de caso, R é isolado (marcação dativa) em contraste com P + T (não marcados).

O Quadro 5 sistematiza as propriedades da marcação de caso dos argumentos P, T e R no Canela.

Quadro 5. Marcação de caso em Canela.

Argumento	Marcação de caso
P / T	Ø
R	<i>mã</i> _{DAT}

ORDEM DE CONSTITUINTES

P e T ocorrem sempre imediatamente antes do verbo (ordem rígida):

(8a) A P V
i=te pĩ j-akep
 1=ERG madeira PR-cortar
 'Eu cortei madeira.'

(8b) A [R] T V
i=te cu=mã tep j-õr
 1=ERG 3=DAT peixe PR-dar
 'Eu dei peixe para ela/e.'

Quando topicalizados ou apagados por correferência, P e T exibem indexação verbal (9a-9b):

(9a) [TOP] A P=V
hĩ ita humre te h=akep
 carne DEM homem ERG 3=cortar
 'Aquele carne, o homem a cortou.'

(9b) TOP A R T=V TOP A R T=V
hĩ humre te cahãj mã h=õr arojhy humre te mehvej mã h=õr
 carne homem ERG mulher DAT 3-dar arroz homem ERG velha DAT 3-dar
 'Carne, o homem deu para a mulher e arroz, o homem deu para a velha.'

R ocorre entre A e T, e parece formar um constituinte com certos verbos (mas essa propriedade requer investigação adicional⁹) – cf. (8b), (9b) e (10):

(10) A [R] T=V
i=te cahãj mã h=õr
 1=ERG mulher DAT 3=dar
 'Eu dei (algo) para a mulher.'

Quando ocorre topicalizado no início da oração (sob motivações pragmáticas), R é retomado pela posposição *mã* em sua forma flexionada (terceira pessoa correferencial), que funciona como um pronome resumptivo (11a).

(11a) TOP A [R] T
pyjê mã humre te cu=mã hĩ j-õr
 mulher DAT homem ERG 3=DAT carne PR-dar

TOP A [R] T
ne mehvej mã humre te cu=mã arojhy j-õr
 CNJ velha DAT homem ERG 3=DAT arroz PR-dar
 'Para a mulher, o homem deu carne e para a velha, o homem deu arroz.'

⁹ O que precisa ser investigado é a constituição do sintagma verbal. A hipótese a ser investigada é se o sintagma marcado pela posposição dativa (o R) forma um constituinte com o verbo e seu argumento interno (o P).

Em (11b), uma resposta a ‘para quem o homem deu carne?’, o contorno entoacional é simples (a ausência da vírgula depois de ‘mulher’ na tradução livre indica isso). Diferentemente, em (11a), o sintagma dativo topicalizado apresenta um contorno entoacional separado (a vírgula depois de ‘mulher’ e ‘velha’ na tradução livre indica uma pausa entre [pyjê mã] e [humre te], e entre [mehvej mã] e [humre te]).

	R		A		T	
(11b)	<i>kahāj</i>	<i>mã</i>	<i>humre</i>	<i>te</i>	<i>hĩ</i>	<i>j-ôr</i>
	mulher	DAT	homem	ERG	carne	PR-dar
	‘Para a mulher o homem deu carne.’					

Em relação à ordem de constituintes, P, T e R apresentam comportamento assimétrico: R é isolado (ocorre entre A e T) em contraste com P + T (ocorrem imediatamente antes do verbo).

O Quadro 6 sistematiza as propriedades da ordem dos argumentos P, T e R no Canela.

Quadro 6. Ordem de constituintes em Canela.

Argumento	Ordem de constituintes
P/T	A P V A R T V
R	A R T V

O Quadro 7 sumariza as propriedades de codificação exibidas pelos argumentos P, T e R.

Quadro 7. Propriedades de codificação dos argumentos P, T e R em Canela.

Argumento	Indexação verbal	Marcação de caso	Ordem de constituintes
P/T	Clíticos	Ø	A P V A R T V
R	Ø	<i>mã</i> DAT	A R T V

Em todas as três propriedades de codificação, R é isolado (objeto indireto) em contraste com P + T (objeto direto). As propriedades de comportamento e controle de P, T e R são apresentadas na seção a seguir.

PROPRIEDADES DE COMPORTAMENTO E CONTROLE ASSOCIADAS AOS ARGUMENTOS P, T E R

Diferentemente das propriedades de comportamento e controle do sujeito em Canela (Castro Alves, 2018), as propriedades de comportamento e controle do objeto são menos robustas na língua. No entanto, examinando as relações de objeto a partir dos processos de mudança de relação sintática (por exemplo, oração ativa/passiva, alçamento de objeto, mudança aplicativa/dativa etc.), é possível definir tais relações conforme (i) as estratégias de relativização e (ii) o controle e o apagamento em orações subordinadas. As seções a seguir descrevem esses dois processos de mudança de relação sintática em Canela.

ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO

Esta seção foca na relativização de P, T e R em Canela como propriedade de comportamento e controle. Para fins de contraste, também farei referência à relativização de S, A e oblíquo.

O Canela tem orações relativas encaixadas e justapostas à esquerda e à direita (essas duas últimas definidas nos termos da tipologia de orações relativas de Andrews, 2007). Segundo este autor, orações relativas justapostas (*adjoined relative clauses*) ocorrem fora da oração matriz. Se são justapostas à direita, significa que a oração relativa está restrita a aparecer no final da oração (depois da matriz). Se são justapostas à esquerda, significa que a oração relativa está restrita a aparecer no início da oração (antes da matriz).

É possível que as relativas justapostas (ambas, à esquerda e à direita) sejam mais produtivas em Canela do que as encaixadas¹⁰. Além disso, são dois os subtipos de relativas justapostas à esquerda, ambas capazes de relativizar todas as posições (S, A, P, T, R e oblíquo). Uma vez que as relativas justapostas à direita também são capazes de relativizar todas as posições, essa é a estratégia escolhida para ser apresentada a seguir.

Nas orações relativas justapostas à direita do Canela, o sintagma nominal na oração matriz (SN_{MAT}) pode vir seguido, mas não de forma categórica, do pronome demonstrativo *ita* no caso de possuir o traço [+humano]. No caso do sintagma nominal na oração relativa (SN_{REL}), sua codificação vai depender da função relativizada (S, A, P, T, R ou oblíquo): por meio de indexação verbal em (12a) e (12c-12d), por meio de pronome resumptivo em (12b):

	SN _{MAT}					SN _{REL} (S)	
(12a)	<i>i=te</i>	<i>cahãj</i>	<i>ita</i>	<i>pupun</i>	<i>mã</i>	<i>i=picahur</i>	
	1=ERG	mulher	DEM	ver	DS	3=correr	
	'Eu vi a mulher que correu.'						

	SN _{MAT}					SN _{REL} (A)		
(12b)	<i>i=te</i>	<i>humre</i>	<i>ita</i>	<i>pupun</i>	<i>mã</i>	<i>cu=te</i>	<i>ropti</i>	<i>curan</i> ¹¹
	1=ERG	homem	DEM	ver	DS	3=ERG	onça	matar
	'Eu vi o homem que matou a onça.'							

¹⁰ Ainda não foi feito um levantamento estatístico das ocorrências dos diferentes tipos de orações relativas em Canela. Apesar disso, na fala espontânea, a ocorrência das relativas justapostas é notavelmente mais robusta do que as encaixadas.

¹¹ O passado recente condiciona o alinhamento ergativo em (11a-11b) e a estratégia do morfema *mã* para indicar a mudança de referência no caso de 3ª pessoa. Se 1ª e 2ª pessoas no passado recente (ou 1ª e 2ª pessoas quando não passado recente), a estratégia de mudança de referência utiliza o pronome nominativo (*quê* nos exemplos abaixo), que funciona como um pronome resumptivo:

	SN _{MAT}					SN _{REL} (S _A)		
	<i>wa</i>	<i>ha</i>	<i>cahãj</i>	<i>ita</i>	<i>pupu</i>	<i>quê</i>	<i>ha</i>	<i>ajcahu</i>
	1	IRLS	mulher	DEM	VER	3(DS)	IRLS	CORRER
	'Eu vou ver a mulher que vai correr.'							

	SN _{MAT}					SN _{REL} (A)		
	<i>wa</i>	<i>ha</i>	<i>humre</i>	<i>ita</i>	<i>pupu</i>	<i>quê</i>	<i>ha</i>	<i>ropti cura</i>
	1	IRLS	homem	DEM	VER	3(DS)	IRLS	ONÇA MATAR
	'Eu vou ver o homem que vai matar a onça.'							

- (12c) SN_{MAT} $SN_{REL}(P)$
i=te ropti pupun mã humre te ih=curan
 1=ERG onça ver DS homem ERG 3=matar
 'Eu vi a onça que o homem matou.'

- (12d) SN_{MAT} $SN_{REL}(T)$
i=te tep pupun mã humre te cahāj mã h=ōr
 1=ERG peixe ver DS homem ERG mulher DAT 3=dar
 'Eu vi o peixe que o homem deu para a mulher.'

A relativização de R e de oblíquo apresentam uma variação: podem codificar o sintagma nominal na oração relativa (SN_{REL}) ora através das posposições *mã* (12e) e *ri* (12g) na forma flexionada (terceira pessoa correferencial), que funcionam como pronomes resumptivos, ora através das posposições *mã* (12f) e *ri* (12h), que, embora também na forma flexionada (terceira pessoa correferencial), agora são seguidas pelo marcador de ênfase (12f) ou pelo complementizador (12h), que funcionam como pronomes relativos.

- (12e) SN_{MAT} $SN_{REL}(R)$
i=te cahāj pupun mã humre te cu=mã tep j-ōr
 1=ERG mulher ver DS homem ERG 3=DAT peixe PR-dar
 'Eu vi a mulher para quem o homem deu peixe.'

- (12f) SN_{MAT} $SN_{REL}(R)$
i=te cahāj ita pupun jūm mã mã humre te tep j-ōr
 1=ERG mulher DEM ver quem DAT ENF homem ERG peixe PR-dar
 'Eu vi aquela mulher para quem o homem deu peixe.'

- (12g) SN_{MAT} $SN_{REL}(Oblíquo)$
i=te pur pupun mã cu=ri humre te cahāj mã tep j-ōr
 1=ERG roça ver DS 3=LOC homem ERG mulher DAT peixe PR-dar
 'Eu vi a roça onde o homem deu peixe para a mulher.'

- (12h) SN_{MAT} $SN_{REL}(Oblíquo)$
i=te pur pupun jū=ri maha humre te cahāj mã tep j-ōr
 1=ERG roça ver que=LOC COMP homem ERG mulher DAT peixe PR-dar
 'Eu vi a roça onde o homem deu peixe para a mulher.'

O Quadro 8 sistematiza as propriedades das orações relativas a partir das diferentes posições relativizadas. Em negrito, as propriedades de comportamento de P, T e R. O símbolo ~ indica variação na estratégia utilizada.

Quadro 8. Propriedades gramaticais das orações relativas.

	S / S _O	A / S _A	P	T	R	Oblíquo
Indexação verbal	sim	não	sim	sim	não	não
Pronome resumptivo	não	sim	não	não	<i>cu=mã</i> <i>jũm mã mã</i>	<i>cu=ri</i> <i>jũ=rĩ maha</i>
Pronome relativo	não	não	não	não		

De um lado, P e T são expressos na oração matriz por meio de um sintagma nominal e retomados na oração relativa por meio do clítico absolutivo; nunca através de um pronome resumptivo ou de um pronome relativo. De maneira assimétrica, a relativização de R inclui a codificação do sintagma nominal na oração relativa (SN_{REL}) através da posposição *mã* em sua forma flexionada (terceira pessoa correferencial), que funciona como pronome resumptivo. Alternativamente, a oração relativa de R pode ser também introduzida pelo sintagma dativo seguido do morfema *mã* ENF, que funciona como um pronome relativo. Nesse sentido, e novamente, conclui-se que R é isolado (objeto indireto) em contraste com P + T (objeto direto).

CONTROLE E APAGAMENTO NA ORAÇÃO SUBORDINADA

Os exemplos em (13a-13b) ilustram atos de percepção e cognição codificados por meio do verbo principal (Castro Alves, 2011), enquanto (13c) exibe um verbo ditransitivo. O argumento A é apagado na oração subordinada porque é correferencial ao argumento P (13a-13b) e ao argumento T (13c) da oração matriz:

- (13a) A [A P=V]_{LOC} P=V
humre te [Ø_i ih=krēr nã] a=pupun
homem ERG (2) 3=comer.NF LOC 2=ver
'O homem viu você comendo (carne).'
- (13b) A P V [A P V]_{LOC}
i=te ihxēc par [Ø_i rop j-arên nã]
1=ERG Ihxēc ouvir (3) onça PR-contar.NF LOC
'Eu ouvi o Ihxēc contando a (história da) onça.'
- (13c) A R T V [A_i P V]_{LOC}
i=te cahāj mã ropti j-ahkre [Ø_i hĩ kur nã]
1=ERG mulher DAT onça PR-mostrar (3) carne comer.NF LOC
'Eu mostrei para a mulher a onça comendo carne.'

A posposição locativa *nã* em (13a-13c) é usada como um morfema subordinador. Quando a oração subordinada é marcada por essa posposição, P da oração principal controla o apagamento de A na oração subordinada¹².

¹² "Quando a oração subordinada funciona como P da principal, A da oração principal controla o apagamento de A na subordinada" (Castro Alves, 2018, p. 388):

- A [A P V]_p V
ca_i ha [Ø_i cupěnxê j-aprôr to=apackêt]
2 IRLS (2) pano PR-levar.NF PV=esquecer
'Você vai esquecer de comprar pano.' (Castro Alves, 2018, p. 388).

Quando o verbo da oração principal é um verbo ditransitivo (14a-14b), o argumento R controla o apagamento do argumento A na oração subordinada. Neste caso, a posposição utilizada é *kãm*:

- (14a) A R [A_i P V] T V
i=te ahkrare_i mã [Ø_i hĩ kur kãm] livru j-õr
 1=ERG criança DAT (3) carne comer.NF LOC livro PR-dar
 'Eu dei o livro para a criança comendo carne.'

- (14b) A R [A_i P V] T V
i=te cahãj_i mã [Ø_i hĩ kur kãm] ropti j-akre
 1=ERG mulher DAT (3) carne comer.NF LOC onça PR-mostrar
 'Eu mostrei a onça para a mulher comendo carne.'

Esses dados mostram que P, T e R podem controlar o apagamento de A na subordinada. No entanto, quando P e T controlam o apagamento de A, a oração subordinada é encabeçada pela posposição *nã* (13); diferentemente, quando R controla o apagamento de A, a oração subordinada é encabeçada pela posposição *kãm* (14). Além disso, P e T, mas não para R, controlam o argumento P na oração de propósito (15):

- (15a) A P V [A P=V]
cahãj te ahkrare_i pỳn [Ø ih_i=cumrãr=xà caxuw]
 mulher ERG criança carregar (3) 3=banhar=NMZ PROP
 'A mulher carregou a criança para banhá-la.'

- (15b) A R T V [A P=V]
humre te rop mã cagã_i j-õr [Ø ih_i=curan=xà caxuw]
 homem ERG cachorro DAT cobra PR-dar (3) 3=matar=NMZ PROP
 'O homem deu ao cachorro a cobra para matá-la.'

De maneira inversa, R, mas não P e T, controla o argumento A não expresso na oração de propósito:

- (16) A R T V [A P=V]
i=te cu_i=mã ahkrare j-õr [Ø_i ih=pỳn=xà caxuw]
 1=ERG 3=DAT criança PR-dar (3) 3=carregar=NMZ PROP
 'Eu dei a ela a criança para carregar.'

O Quadro 9 sistematiza as posições (P, T, R) que controlam, na subordinada, o apagamento sob correferência.

Quadro 9. Propriedades de codificação dos argumentos P, T e R em Canela.

	Argumento (da oração principal) que controla o apagamento	Argumento (da oração subordinada) apagado	Posposição subordinadora utilizada
Oração locativa	P/T	A	<i>nã</i>
	R	A	<i>kãm</i>
Oração de propósito	P/T	P/T	<i>caxuw</i>
	R	A	

Essa propriedade de comportamento e controle (o apagamento na subordinada) corrobora, mais uma vez, o alinhamento associado aos objetos identificado a partir das propriedades de codificação de P, T e R: R é isolado (objeto indireto) em contraste com P + T (objeto direto).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A seção “Propriedades de codificação associadas aos argumentos P, T e R” mostrou que, em relação à indexação verbal, P e T podem ser indexados no verbo por meio do clítico absolutivo, enquanto R não. Em termos da marcação de caso, também foi mostrado que R recebe marcação dativa, em contraste com P e T (não marcados). Sobre a ordem de constituintes, R ocorre entre A e T, diferentemente de P e T, que ocorrem imediatamente antes do verbo.

A seção “Propriedades de comportamento e controle associadas aos argumentos P, T e R” também mostrou que R é isolado em contraste com P e T. Assim, na relativização, P e T são expressos na oração matriz por meio de um sintagma nominal e retomados na oração relativa por meio do clítico absolutivo. Diferentemente, a relativização de R inclui a codificação do sintagma nominal na oração relativa através da posposição *mã* em sua forma flexionada, que funciona como pronome resumptivo. Já em relação ao controle e apagamento na oração subordinada, os dados mostram que P, T e R podem controlar o apagamento de A na subordinada. No entanto, quando P e T controlam o apagamento de A, a oração subordinada é encabeçada pela posposição *nã*. De outro modo, quando R controla o apagamento de A, a oração subordinada é encabeçada pela posposição *kām*. Além disso, P e T controlam o argumento P na oração de propósito. De maneira inversa, R controla o argumento A não expresso na oração de propósito.

Conclui-se, portanto, que, no que se refere às propriedades de codificação e de comportamento e controle, P, T e R apresentam comportamento assimétrico: R é isolado, o objeto indireto, em contraste com P + T, o objeto direto.

ABREVIATURAS

1	primeira pessoa	ERG	ergativo
1+2	primeira pessoa inclusiva	GEN	genitivo
2	segunda pessoa	INES	inessivo
3	terceira pessoa	INST	instrumental
=	clítico ou limite entre elementos de um composto	IRLS	irrealis
		LOC	locativo
A	argumento de um predicado transitivo canônico mais similar ao agente	NEG	negação
		NF	não finito
CNJ	conjunção	NMZ	nominalizador
COMP	complementizador	P	argumento de um predicado transitivo canônico mais similar ao paciente
DAT	dativo		
DEM	demonstrativo	P=	clítico que codifica o argumento P
DIR	direcional	PL	plural
DS	sujeito diferente	PR	prefixo relacional
ENF	ênfase	PRG	progressivo

PV	preverbo	S _p	argumento de um predicado
S	o único argumento de um predicado intransitivo canônico		intransitivo canônico mais similar ao paciente
S _A	argumento de um predicado intransitivo canônico mais similar ao agente	s _p =	clítico que codifica o argumento S _p
s _A =	clítico que codifica o argumento S _A	SP	sintagma posposicional
SN _{MAT}	sintagma nominal na oração matriz	SV	sintagma verbal
SN _{REL}	sintagma nominal na oração relativa	TOP	tópico
		V	verbo

AGRADECIMENTOS

Este artigo foi desenvolvido em grande parte durante meu ano sabático (2017/2018) no Departamento de Linguística da Universidade do Oregon. Sou grata a Luciana Dourado e a Spike Gildea que empreenderam o desafio de explorar inicialmente as relações de objeto em uma língua Jê, o Panará. O resultado dessa investigação (Dourado & Gildea, 2011) foi fundamental para me inspirar (me mostrando os caminhos) para o estudo do tema em Canela.

REFERÊNCIAS

- Andrews, A. (2007). Relative clauses. In T. Shopen (Org.), *Language typology and syntactic description: complex constructions* (2 ed., pp. 206-236). Cambridge: Cambridge University Press.
- Castro Alves, F. (2004). *O Timbira falado pelos Canela Apãniekrá: uma contribuição aos estudos da morfossintaxe de uma língua Jê* (Tese de doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Brasil.
- Castro Alves, F. (2011). Complement clauses in Canela. *Amerindia*, 35, 135-154.
- Castro Alves, F. (2018). Sujeito dativo em Canela. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 13(2), 377-403. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1981.81222018000200007>
- Culicover, P. W., & Jackendoff, R. (2005). *Simpler Syntax*. Oxford: Oxford University Press.
- Dourado, L., & Gildea, S. (2011). *Object Relations in Panará (Jê)*. Handout da conferência apresentada em Syntax of the World's Languages, Berlim, Alemanha.
- Dryer, M. (2007). Clause types. In T. Shopen (Org.), *Language typology and syntactic description: clause structure* (2 ed., pp. 224-275). Cambridge: Cambridge University Press.
- Gildea, S., & Castro Alves, F. (2020). Reconstructing the source of nominative-absolutive alignment in two Amazonian language families. In J. Barðdal, S. Gildea & E. Luján (Orgs.), *Reconstructing syntax* (Brill's Studies in Historical Linguistics, vol.11) (pp. 47-107). Leiden: Brill Press. Recuperado de <https://brill.com/view/title/54246>
- Goldberg, A. (1995). *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press.
- Goldberg, A. (2006). *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press.
- Haspelmath, M. (2011). On S, A, P, T, and R as comparative concepts for alignment typology. *Linguistic Typology*, 15, 535-567. Recuperado de https://www.eva.mpg.de/fileadmin/content_files/staff/haspelmt/pdf/OnSAPTR.pdf
- Haspelmath, M. (2013). Argument indexing: a conceptual framework for the syntax of bound person forms. In D. Bakker & M. Haspelmath (Orgs.), *Languages across boundaries: studies in memory of Anna Siewierska* (pp. 197-226). Berlin: Mouton de Gruyter.
- Haspelmath, M. (2015). Ditransitive constructions. *Annual Review of Linguistics*, 1, 19-41. doi: <https://doi.org/10.1146/annurev-linguist-030514-125204>

Li, C. (Org.). (1976). *Subject and topic*. New York: Academic Press.

Malchukov, A. (2013). Alignment preferences in basic and derived ditransitives. In D. Bakker & M. Haspelmath (Orgs.), *Languages across boundaries: studies in memory of Anna Siewierska* (pp. 263–289). Berlin: Mouton de Gruyter.

Plank, F. (1979). *Ergativity: towards a theory of grammatical relations*. New York: Academic Press.

Witzlack-Makarevich, A., & Bickel, B. (2013). Towards a questionnaire on grammatical relations: a project bridging between typology and field linguistics. *Tomsk Journal of Linguistics and Anthropology*, 2(2), 124-134.